

TECNOLOGIA COMO INSTRUMENTO DE ENSINO- APRENDIZAGEM EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

Rose Mari Colognese, professora da Secretaria de Educação do Estado do Paraná.

Wilsilene Rodrigues, professora orientadora.

RESUMO

O presente trabalho visa fazer uma análise das possibilidades oferecidas pela tecnologia da informação no ensino de línguas estrangeiras e a viabilidade da utilização destas novas ferramentas no ambiente investigativo-pedagógico da rede pública de ensino. Para isto, desenvolveu-se atividades para serem trabalhadas com a utilização das novas tecnologias disponíveis na escola, como computador, TV multimídia, CD, em uma turma do Ensino Fundamental (séries finais) do Município de Umuarama-PR, na disciplina de Língua Inglesa, onde buscamos fundamentos na teoria dos gêneros do discurso proposta por Bakhtin.

Palavras chave: educação; tecnologia; humanização; letramento digital

ABSTRACT

This work aims to analyze the possibilities offered by information technology in teaching foreign languages and feasibility of using these new tools in environmental research, education of the public schools. For this, it has developed activities to be worked with the use of new technologies available in school, such as computer, multimedia TV, CD, in a class of elementary school in the city of Umuarama-PR, in the discipline of English Language where we sought in the grounds of gender theory of discourse proposed by Bakhtin.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Sabe-se que os recursos da imprensa, rádio, TV, telefone, fax, vídeo, computador e Internet são disseminadores de culturas, valores e

padrões sociais de comportamento e é perceptível que a tecnologia invadiu as casas, empresas, instituições de todos os tipos. A sociedade como um todo está se tornando informatizada e a escola deve propiciar esta interação do aprendiz com as novas tecnologias, não podemos fechar os olhos e deixar de ver a revolução tecnológica pela qual estamos passando.

O presente trabalho visa fazer uma análise das possibilidades oferecidas pela tecnologia da informação no ensino de línguas estrangeiras e a viabilidade da utilização destas novas ferramentas no ambiente investigativo-pedagógico da rede pública de ensino.

Para isto, faremos uso dos gêneros do discurso como um dos objetos de ensino em língua estrangeira aliada à tecnologia, objetivando proporcionar aos alunos noções básicas das funções lingüísticas utilizadas na Internet, bem como possibilitar ao aluno utilizar a linguagem para interagir com outras pessoas em língua inglesa, conforme as funções da linguagem associadas ao gênero Receitas.

1. A ESCOLA E OS DESAFIOS DA SOCIEDADE TECNOLÓGICA

Ao longo da história da humanidade o saber sempre esteve associado ao poder, e em razão disto, a socialização deste saber sempre se deu de forma seletiva e criteriosa, de modo a manter o *status* social e político daqueles que o detinham, sendo estes os mesmos que determinavam como, quanto e para quem o saber deveria ser transferido.

Civilizações foram criadas, evoluíram, decaíram e esta relação de saber/poder pouco se modificou. Mesmo com a criação das escolas, habilitadas para transmissão e difusão do saber, a relação ainda se faz da mesma forma que há séculos atrás, e o verdadeiro saber, aquele que confere ao seu detentor o tipo de poder que o torna capaz de atuar no mundo de forma crítica e responsável podendo modificá-lo para atender às suas necessidades, continua restrito a poucos.

O final do século vinte ficou marcado pela aceleração do processo de globalização, derrubando fronteiras, nos vários campos do universo do conhecimento cultural, social e histórico. O terceiro milênio se aproxima e as transformações na economia, na política, e, sobretudo, na Educação exigem que a escola se adapte a um novo contexto social.

Vivemos numa sociedade tecnológica em que a quantidade e a velocidade de informações é muito grande, provocando mudanças na nossa maneira de ser, de pensar e de agir, na medida em que nos permite, de forma crítica, uma releitura do mundo.

A rede mundial de computadores, plugados mundialmente, permite aos usuários o acesso a informações do mundo todo em um curto espaço de tempo e a escola, que é o local onde as discussões acontecem, que complementa a educação do indivíduo e o orienta ou forma para uma vida social e política ativa, consciente e responsável, deve adaptar-se, estruturando-se e instrumentalizando-se para formar esse indivíduo que vai atuar nesse novo mundo, modificando sua visão, suas metas e objetivos, sua missão e buscando atender a demanda desse novo contexto social.

1.1 Reflexões sobre a escola, o professor, o aluno diante das novas tecnologias.

Diante dos equipamentos tecnológicos que já estão presentes na sociedade, no dia a dia das pessoas e dos alunos, nas máquinas de vídeo-game, nos caixas eletrônicos, nos aparelhos de fax e telefones móveis que estão nas esquinas, nas casas de crianças e adolescentes, enfim, diante das rápidas transformações que ocorrem em todos os campos da vida humana, seria uma contradição a escola não preparar o indivíduo para esta sociedade que se avizinha e que nos lembra que a educação não pode mais continuar a reboque dos processos sociais.

Segundo Fróes (1998:01),

A tecnologia sempre afetou o homem: das primeiras ferramentas, por vezes consideradas como extensões do corpo, à máquina a vapor, que mudou hábitos e instituições, ao

computador que trouxe novas e profundas mudanças sociais e culturais, a tecnologia nos ajuda, nos completa, nos amplia... facilitando nossas ações, nos transportando, ou mesmo nos substituindo em determinadas tarefas, os recursos tecnológicos ora nos fascinam, ora nos assustam.

Brito (2007:01) ao fazer uma análise sobre a introdução das novas tecnologias na educação, coloca que a comunidade escolar reage de diferentes formas ao tratar, ou seja, as reações são:

- 1) Repelir as tecnologias e tentar ficar fora do processo;
- 2) Apropriar-se da técnica e transformar a vida em uma corrida atrás do novo;
- 3) Fazer uso dos processos, desenvolvendo habilidades que permitam o acesso e o controle das tecnologias e seus efeitos.

Segundo o autor, o terceiro caminho é o melhor, pois apresenta informações para uma formação intelectual, emocional e corporal do cidadão que cria, planeja e interfere na sociedade. Para tanto, é necessário um trabalho pedagógico em que o professor reflita sobre uma ação escolar e elabore e operacionalize projetos educacionais com a inserção das novas tecnologias da informação e da comunicação.

FACCI (2004:226) ao analisar Vigotski e Saviani (2003) informa que ambos compartilham da idéia de que é a educação que leva os homens a se apropriarem dos conteúdos já elaborados pela humanidade e, dessa forma, se humanizam, então, cabe ao professor, no processo educativo, contribuir para o processo de humanização dos indivíduos.

Barreto (2001), por sua vez, enfatiza que precisamos reinventar a escola, uma escola que alie o saber ao prazer, que faça uma conexão entre a tecnologia e a educação, que possibilite a transversalidade, a diversidade, para que entre em consonância com os avanços sociais e o novo momento no mundo de mudanças e de transformações.

O novo sempre assusta, e as escolas estão repletas de professores que adotam posturas conservadoras, que deverão ser reavaliadas a partir da necessidade emergente de um novo olhar dentro da escola, voltado para as demandas sociais e políticas que vêm se instaurando com o fortalecimento do processo de globalização.

O que nos cabe, como educadores que somos, é saber que

estaremos sempre diante de obstáculos, que nunca estaremos prontos, e que crescemos a cada dia com nossas experiências e com as de nossos alunos. Ou seja, cada professor deve ser um eterno aprendiz .

Um grande incentivo às mudanças é a chegada dos equipamentos tecnológicos à escola (TV, vídeo, computadores), porém apenas a presença física dos equipamentos não qualifica as mudanças. As mudanças profundas ocorrem quando realmente existe interação entre os atores educacionais e a máquina, sendo esta utilizada como estruturante do saber.

Cysneiros (1998:04), diz que

Usos do computador que não mexem qualitativamente com a rotina da escola, do professor e do aluno, além de não explorarem os recursos únicos do computador, apresentam mudanças substantivas, quando na realidade muda-se apenas a aparência.

Existem várias abordagens que procuram explicar a Informática na educação. A primeira é direcionada ao ensino de programas aplicativos, isto é, usa-se a informática pela informática. Outra abordagem, cujo defensor é o professor Valente (1995), vê no computador uma ferramenta auxiliar do processo de ensino-aprendizagem e ainda uma terceira, baseada nos trabalhos de teóricos como Pierre Levy (1993), Babin e Kouboundjian (1989) e outros que acreditam numa dimensão estruturante do modo de pensar e agir das pessoas ao interagir com essa tecnologia.

Esta última aproxima-se das idéias difundidas por Vygotsky (1994) e das quais também somos adeptos, que vê a construção do conhecimento como um processo de mediação entre o nível de desenvolvimento real (o que o indivíduo já se apropriou) e o nível de desenvolvimento potencial, a capacidade do indivíduo, em interação com o objeto, de apropriar-se do conhecimento. A passagem do primeiro para o segundo nível de desenvolvimento é separada por uma zona de desenvolvimento, chamada de zona proximal, mediada pelo meio social (pessoas, instrumentos e signos de um modo geral).

Krugman(1995), informa que pesquisadores americanos

afirmam que:

(...) a cada cinco anos o volume de conhecimento do homem contemporâneo dobra. Ele adquire metade de todo esse seu saber por meio de imagens, um quarto através do ouvido, 15% por meio da comunicação social com amigos e conhecidos e apenas 10% através da leitura de livros e materiais impressos. (1995: 52- 115)

Analisando os dados da pesquisa informada acima, pode-se entender uma das grandes resistências do professor aos meios tecnológicos a proximidade entre a imaginação e a afetividade dentro da escola, pois a utilização do audiovisual (TV, vídeo, computador) é associado muitas vezes ao lazer ou passatempo, e conseqüentemente, à indisciplina. Esta resistência é compreensível até certo ponto, pois para aquele que teve a base de sua formação no ensino tradicional, abandonar uma metodologia a qual já está acostumado e que domina para aventurar-se numa forma de construir o conhecimento significa reaprender a ensinar.

A utilização da informática nas escolas deve se integrar ao ambiente e à realidade dos alunos, não só como ferramenta, mas como recurso interdisciplinar, constituindo-se também em algo a mais com que o professor possa contar para bem realizar o seu trabalho.

Na utilização da tecnologia nas escolas, os professores atuam como mediadores na interação entre professores e alunos com as tecnologias existentes nas escolas (TV, vídeo, computadores, Internet, livro didático, etc.)

Ao professor não cabe mais o papel de detentor da verdade absoluta, mas cabe-lhe transformar o espaço da aprendizagem em um ambiente desafiador, promovendo o desenvolvimento da autonomia, da criatividade, da criticidade e da auto-estima do aluno, tornando-se também co-autor, co-aprendiz, co-participante de todo o processo, já que também ele está em processo de formação.

Para Veiga (2001: 02),

Ao utilizar o computador os alunos entram em um ambiente multidisciplinar e interdisciplinar, ou seja, ao invés de apenas receberem informações, os alunos também constroem

conhecimentos, formando assim um processo onde o professor educa o aluno e ao educar, é, transformado através do diálogo com os alunos.

Como o papel do professor não é apenas o de transmitir informações, é o de mediador, facilitador da construção do conhecimento, o computador passa a ser o aliado do professor na aprendizagem.

Santos (2001) afirma que se a educação se esgotar no processo de transmissão dos conhecimentos e dos valores criados por gerações passadas sem a elaboração de conhecimentos novos, sem questionamento de valores, sem inventividade e inovação, não teremos evolução cultural, social, tecnológica e educacional. Deixará de haver progresso e estaremos estagnando ou retrocedendo.

É por acreditar que os recursos oferecidos pela tecnologia de comunicação digital podem tanto mudar a sociedade, ampliando as possibilidades de acesso dos grupos excluídos, como aumentar ainda mais a distância e a exclusão existente. Por acreditar que a constatação de que esses resultados podem seguir direções completamente opostas. Por acreditar que essas mudanças são possíveis, por acreditar que introduzir o computador na escola é um meio de desenvolver cidadãos mais críticos, sociais e independentes e que é papel dos educadores envolver todas as camadas sociais em projetos que promovam a construção de uma sociedade mais igualitária e por isso, menos conflitante e violenta que propomos o presente trabalho.

1.2. Linguagem da Internet: Gêneros Emergentes

Em cada época de sua história, os discursos são marcados por contingências históricas, políticas, sociais. Assim, a que vemos é, portanto, marcada pelas relações eletrônicas, isto é, relações mediadas pelos recursos da tecnologia digital, marcada pela cultura cibernética. Estar no espaço virtual significa existir, ser reconhecido na e pela sociedade, nem que seja somente a digital. Estar *on-line* significa ter assegurado o seu espaço identitário, ainda que *off-line* essa mesma

identidade seja renegada.

A forma de escrita na linguagem utilizada na internet, acontece num suporte específico (o computador) e tem configurações diferentes conforme a ferramenta (processador de texto, MSN, e-mail, etc) que é utilizada. Cabe ao professor mostrar isso ao seu aluno com atividades práticas, de preferência utilizando o ambiente informatizado da escola. Ele tem que mostrar ao estudante que produzir textos é se comunicar e que cada gênero textual exige uma configuração particular, ou seja, deve estar adequado ao lugar, contexto e interlocutor.

Para Soares, (2002:145) [...] estamos vivendo, hoje, a introdução, na sociedade, de novas e incipientes modalidades de práticas sociais de leitura e de escrita, propiciadas pelas recentes tecnologias de comunicação eletrônica o computador, a rede (a web), a Internet.

Os participantes desse ambiente (virtual) são constantemente convidados a ler e a interpretar o pensamento do outro, expressar idéias próprias através da escrita, conviver com a diversidade e a singularidade, trocar experiências, realizar simulações, testar hipóteses, resolver problemas e criar novas situações, engajando-se na construção coletiva de uma rede de informações, onde o foco não é a tecnologia, mas a atividade humana em realização. Cada participante do ambiente compartilha valores, motivações, hábitos e práticas, torna-se receptor e emissor de informações, leitor, escritor e comunicador.

Assim, o aparecimento de uma linguagem universal, no sentido amplo, é um dos aspectos mais importantes da globalização e o inglês tem sido adotada como a língua franca da Internet e, segundo Noblia (1998) esta expansão da língua inglesa através da Internet também significa a expansão e a imposição, até certo ponto de forma inconsciente, dos valores de uma cultura.

Os termos e/ou expressões veiculados na internet já estão difundidos e incorporados na linguagem do dia-a-dia, até mesmo para os que têm dificuldade com a língua inglesa, há como compreender as mensagens.

Neste novo espaço, a Internet, surgem novas formas de usar a linguagem, e a possibilidade de reunir em um só suporte, a tela digital do computador várias formas de expressão, tais como a escrita, o som e a imagem, suscitando novos gêneros. Estes gêneros, característicos da linguagem digital, surgem da criatividade, da necessidade de interação entre os indivíduos no canal virtual.

Segundo a compreensão de Marcuschi (2002:20), são as inovações culturais e o uso de novas formas de interação social, que em última análise desencadeiam a transformação de gêneros antigos e o surgimento de novos, dificilmente criados fora deles: Seguramente, esses novos gêneros não são inovações absolutas, quais criações *ab ovo*, sem uma ancoragem em outros gêneros já existentes .

Para Caiado (2006:35), o fato é que o ciberespaço configura hoje uma nova era, a Era da Informática, das múltiplas janelas abertas, da hipertextualidade, do diário digital , de uma nova sociabilidade.

Para Paiva (2005), o surgimento de novos gêneros afeta outros sistemas complexos, especialmente, as relações humanas. A Internet e os gêneros dela decorrentes têm exercido forte influência nas relações humanas: no exercício da cidadania, na vida cotidiana, e na educação.

Sabemos que o homem é formador do seu conhecimento, da sua razão, do que é significativo para ele, portanto, não pode haver aprendizagem onde não há sentido, razão pela qual a escola não pode mais se esquivar de inserir os gêneros digitais na sala de aula, sob pena de condenar seus alunos a mais um tipo de exclusão social.

Inscrita na abordagem bakhtiniana dos gêneros discursivos, acreditamos que todas as atividades humanas estão ligadas ao uso da linguagem, aqui entendida como prática social, ou seja, indissociável das relações que mantêm os indivíduos.

Especialmente no ambiente virtual a produção, distribuição e consumo de textos são requisitos centrais para o engajamento de qualquer pessoa na vida social contemporânea, portanto, a escola deve oferecer essa possibilidade de aprendizagem ao aluno (MEURER, 2005). À escola cabe desenvolver habilidades comunicativas em seus alunos

por meio da prática de ensino ao explorar gêneros discursivos e ao inseri- los em diferentes atividades sociais (MEURER, 2002).

No ensino de línguas, há várias experiências desenvolvidas no Brasil (PAIVA, 2001; MARCUSCHI, 2002; MARCUSCHI E XAVIER, 2004; ARAÚJO & BIASI-RODRIGUES, 2005) que evidenciam o papel relevante dos gêneros discursivos eletrônicos e da tecnologia como motivadores da participação do aluno na sua própria construção do conhecimento especialmente em função dos recursos interativos que o meio eletrônico oferece para a inserção do aluno no processo de produção textual.

O sistema de textos usado na rede eletrônica, o hipertexto, que é um documento eletrônico composto por nodos ou unidades textuais interconectadas que formam uma rede de estrutura não-linear (ALVAREZ, 2001:167), organiza a rede virtual de comunicação de modo mais dinâmico, por ser multimodal, móvel e possibilitar a passagem de um ponto a outro no universo virtual rapidamente.

Duas das peculiaridades do hipertexto na *www* são especialmente significativas para o ensino de produção textual em língua estrangeira, conforme Motta Roth e Paiva:

- a possibilidade de constante reformulação, pois o autor pode reformulá- lo e corrigi- lo infinitas vezes antes de publicá- lo e distribuí- lo para consumo na *www*; e
- o caráter interativo, uma vez que, tanto o autor quanto o leitor, interagem com o texto, optando pelas conexões a serem incluídas em seu roteiro de escritura ou leitura. É possível ir de um ponto a outro do texto ou ir para outro texto que esteja disponível na *www*, de modo que a informação se organize em redes semânticas alternativas e dependentes do trajeto escolhido. (2001: 240- 43; 2001a:272- 73)

Desta forma, a reformulação e a interatividade abrem novas possibilidades para o ensino de línguas, especialmente a língua inglesa. O uso do hipertexto para fins pedagógicos possibilita ao aluno aprender refletindo, escolhendo os textos e recursos simbólicos não-verbais que lhe interessam, e ainda permite- lhe interagir na língua- alvo em contextos reais de comunicação pela língua escrita e desenvolver maior autonomia sobre sua própria aprendizagem (PAIVA, 2001b; MOTTA- ROTH, 2001).

A partir desses pressupostos, e tendo por base uma abordagem sócio-interacionista de ensino-aprendizagem de Língua Estrangeira (Inglês) (cf. ALMEIDA FILHO, 1998), abordaremos a questão dos gêneros discursivos com base nas idéias de Bakhtin (2003) e dos gêneros emergentes à luz das considerações de Marcuschi & Xavier (2004).

Um dos princípios de uma abordagem sócio-interacionista é que toda a aprendizagem é mediada pela atividade humana, conforme a tese de Vygotsky da ação para o pensamento, segundo a qual o ponto de partida de todo o pensamento é a ação no grupo social.

Na perspectiva sócio-interacionista, é fundamental a metacsciência do aluno sobre seu engajamento em eventos comunicativos e sobre a interação que estabelece com o meio nos processos de ensino e de aprendizagem. A interação pela linguagem contribui para o refinamento e a re-elaboração do conhecimento do aluno sobre os sistemas gramatical e discursivo da interlíngua.

Tendo em vista esses princípios, nossa experiência pedagógica de ensino mediado pelo computador parte de três crenças: 1) o aluno deve ser co-responsável pelo processo de aprendizagem junto com os colegas e o professor (VYGOTSKY, 1993; MOTTA-ROTH, 2001); 2) o conhecimento é construído no engajamento do aluno em atividades que pressuponham o uso efetivo da linguagem (VYGOTSKY, 1993); 3) a aprendizagem é vista como parte de uma atividade humana, social, contextualizada, e, portanto, depende da interação entre aluno e meio social (BAZERMAN & RUSSEL, 2002; COSTA, 2001).

Essas crenças nos levarão a elaborar tarefas que possibilitem o ensino da linguagem como prática social. Em relação a materiais didáticos *on-line*, o debate concentra-se em como fazer uso de gêneros emergentes de modo a oferecer atividades que promovam a aprendizagem de Língua Inglesa mediada por computador.

2. A CONSTRUÇÃO DE UMA PRÁTICA MEDIADA PELAS TECNOLOGIAS DISPONÍVEIS NA ESCOLA

A proposta do presente trabalho teve como temática o **letramento digital**, que se justifica uma vez que a aprendizagem de uma língua estrangeira deve ser ativa, agradável e deve enfatizar a auto-expressão do aluno, porque a motivação deste é profundamente influenciada pelo seu desejo de se comunicar de forma significativa. Pensando nesta motivação, observamos que o ensino de Língua Estrangeira infelizmente não tem se beneficiado, tanto quanto poderia, dos modernos e eficientes métodos de ensino-aprendizagem desenvolvidos nas áreas tecnológicas na última década. Esses avanços devem ser estudados, explorados e amplamente utilizados pelos nossos alunos no ambiente escolar com o auxílio do professor.

Assim, para atingirmos o objetivo a que nos propomos, selecionamos uma turma de 6ª série do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Pedro II do Núcleo Regional de Umuarama, na disciplina de Língua Inglesa, por pretender fazer a formação básica (letramento digital), preparando-os para o uso das tecnologias de forma útil em seu dia a dia escolar.

Por ser um trabalho a ser desenvolvido para o PDE, e em virtude de termos um percentual de horas/aula para a realização deste trabalho, este foi realizado em contra-turno, razão pela qual não houve a adesão de muitos alunos, tendo em vista que teriam que retornar na escola em outro período e muitos já possuíam atividades neste horário, assim, ficamos, a princípio, com dez alunos, com a adesão de uma aluna da 8ª série e ao final, permaneceram seis alunos.

Os motivos das desistências foram vários, entre eles treinos e aulas do CELEM (Centro de Línguas Estrangeiras Modernas) que chocavam o horário.

Após a apresentação do trabalho para a turma e a adesão dos alunos, passou-se à efetivação da proposta que teve início em março do

corrente ano e ocorreu duas vezes por semana, com duração de duas horas cada encontro. No total foram 22 encontros, totalizando 44 horas.

2.1 Explorando o Gênero do Discurso: Receitas.

O gênero escolhido para a realização do trabalho foi Receitas, primeiro, por ter forte apelo da cultura popular, que apresenta uma estrutura simples e que compartilha de certas propriedades de outros gêneros como instrução de jogos, que fazem parte do dia-a-dia do aluno; segundo, porque há mais a saber sobre elas: além da sua estrutura há o contexto de produção, seu conteúdo temático e suas marcas lingüísticas, e por último, porque assim é possível (com a ajuda de um adulto) botar a mão na massa e ver ingredientes se transformarem em comidas e também produzir com as próprias mãos um livro virtual de receitas.

Além dos motivos acima mencionados, as receitas apresentam imagens que atraem os alunos e ainda, fazem parte do conteúdo programático da série escolhida, tendo como base teórica, Bakhtin ([1953] 2000), para quem o conteúdo, o estilo e a composição constituem as características basilares de um gênero.

Também podemos salientar que as tarefas escolares estão repletas de instruções sobre como fazê-las. Uma das queixas mais freqüentes dos professores é de que "os alunos não lêem as instruções" ao realizarem as atividades. Não apenas na Educação Básica, mas no Ensino Médio e inclusive na universidade! Se não é fácil ler as instruções, tampouco o é escrevê-las, "explicar com palavras" as tarefas envolvidas em qualquer atividade.

O primeiro passo para iniciarmos o nosso trabalho, foi abordar o Gênero Receitas, explorando os seguintes aspectos:

1. **Contexto de produção**- inclui o autor, o leitor (ou ouvinte), objetivo do texto, locais por onde circulam (ou são publicados) esses textos;

2. **Conteúdo temático** temas que são tratados em textos pertencentes a esse gênero;

3. **Forma composicional e estilo** sua organização geral e marcas lingüísticas e enunciativas características.

2.1.1. Investigando receitas (Investigating recipes)

O objetivo desta etapa era aferir o que os alunos sabiam sobre receitas e sobre a escrita de receitas.

Apresentamos aos alunos 3 tipos de textos instrucionais e após a leitura de cada texto, foram feitos os seguintes questionamentos:

Que tipos de textos são esses?

Para que servem? Converse com seus colegas e responda oralmente as perguntas.

Agora responda no seu caderno: o que esses textos possuem em comum? O que esses textos possuem de diferente?

Os dois exercícios escritos pediam para que os alunos comparassem os três textos.

Atividades de comparação entre iguais e diferentes ajudam os alunos a perceberem as características dos diferentes gêneros do discurso. A idéia aqui é avaliar se já percebem a especificidade de uma receita.

2.1.2 Reconhecendo receitas (Knowing different texts)

Apresentamos outros tipos de textos como: Lista de compras, Instruções para confecção de dobradura, anúncio publicitário, receita.

Aqui foram levantadas as seguintes questões:

- a) O que parecem ser estes textos?
- b) Qual a finalidade/objetivo deste tipo de texto?
- c) Onde nós encontramos estes textos?
- d) Quais as diferenças entre os textos?
- e) O que os textos (1) e (2) têm em comum?
- f) Qual deles você acha que é uma receita.?

g) Por que você acha que o texto que você escolheu é uma receita?

2.1.3 Analisando o gênero receitas (Analysing the gender recipe):

Nesta etapa, em duplas, os alunos responderam aos seguintes questionamentos:

- a) Qual é o objetivo do texto receita ?
- b) Quem escreve receitas?
- c) Quem lê receitas?
- d) Onde podemos encontrar este tipo de texto?
- e) O que você procura em uma receita?

2.1.4 Analisando a estrutura da receita (Analysing the structure of a recipe):

Para Barbosa, são dois os objetivos desta atividade:

O primeiro é fazer com que os alunos comecem a atentar para as características de títulos de receitas.

O segundo é possibilitar que eles tenham uma certa autonomia de leitura e leiam com mais fluência, mesmo aqueles alunos que ainda não conseguem identificar todas as palavras. (BARBOSA, 2003, 12)

Apresentamos aqui dois tipos de receitas: um completo e um mais simples, para que o aluno perceba a diferença entre eles.

Também foi solicitado que o alunos assistissem um vídeo passo a passo de uma receita de Apple Pie .

Após procuramos enfatizar para os alunos as diferenças estruturais da receita vista em vídeo e das apresentadas para eles por escrito, bem como suas partes básicas como título, ingredientes e modo de fazer (diferentes aspectos eram encontrados nos textos apresentados como: tempo de preparo, rendimento, entre outros).

2.1.5 Reescrevendo Receitas (Rewriting recipes)

O objetivo aqui era investigar o que os alunos assimilaram das etapas anteriores e como se saíam na produção escrita de uma receita. Mesmo que algum aluno tenha copiado a maior parte da receita, as

poucas alterações que fez obrigaram-nos a pensar sobre como escrever, o que é importante, sobretudo para os que ainda não dominam totalmente a base alfabética da escrita.

Após a reescrita, passamos para o passo tradução, sendo que o mesmo foi bastante trabalhoso, pois, o gênero receita é do tipo instrucional, sua finalidade última é permitir que o usuário, seguindo as instruções nela contidas, seja capaz de prepará-la.

A tradução de receitas envolve, portanto: adaptação das características textuais, que variam de cultura para cultura adaptação de ingredientes e equipamentos que podem não serem comuns ou, na pior das hipóteses, não existirem na cultura da língua a ser trabalhada, em nosso caso, a língua inglesa.

2.1.6 Suporte (support)

Procuramos aqui demonstrar os diferentes suportes onde podemos encontrar receitas, para isto solicitamos que os alunos trouxessem receitas para a próxima aula, sendo que surgiram: caderno de receitas de avós, mães, rótulos de produtos, propagandas de mercado, revistas, jornais, sugestões de sites, entre outros.

O suporte escolhido para nosso trabalho foi a internet.

2.1.7 Pesquisa (Search)

Como todos já haviam tido contato com computadores, passou-se ao passo pesquisa. Abordamos como pesquisar, sites seguros, e a partir disto a pesquisa indicada foi Culinária brasileira e americana, onde os alunos viajaram pela cultura americana, usos e costumes, descobrindo problemas como a obesidade, suas causas e conseqüências, diversidade da culinária entre outros. Também puderam perceber as semelhanças e diferenças com a culinária brasileira.

Nesta fase surgiu o convite para levarmos nosso trabalho para o Projeto Educação Com Ciência da Secretaria de Estado da Educação SEED, que é uma atividade pedagógica complementar e interativa, na qual as escolas alunos e professores têm a oportunidade de expor

publicamente suas produções planejadas e executadas no cotidiano escolar e como o tema deste ano era: Interação Cultural Brasil- Japão , em comemoração aos 100 anos da imigração japonesa no Brasil, incluímos a culinária japonesa em nosso trabalho, o que foi de grande valia, pois até então, a culinária estudada era rica em gordura, guloseimas e outros que acabavam causando sérios problemas à saúde, e assim os alunos puderam diferenciá-las da culinária japonesa que é leve, saudável e bela.

2.1.8 Selecionando das receitas (Selecting recipes)

Conhecendo-se os aspectos da culinária, passamos à fase da seleção das receitas, onde cada aluno deveria escolher uma receita típica de cada nacionalidade escolhida. Aqui tivemos vários problemas em como identificar qual receita seria típica da culinária americana e brasileira, uma vez que a diversidade é muito grande, já não tivemos o mesmo problema com a culinária japonesa que é bem distinta das demais.

2.1.9 Traduzindo (Translation)

Selecionadas as receitas, cada aluno criou sua pasta com as receitas escolhidas, passando-se então para a tradução da receita americana. Lembramos que não traduzimos as demais receitas porque o projeto seria apresentado no Com ciência e o fator tempo não nos permitiu, assim, apenas traduzimos as receitas da culinária americana que foram pesquisadas originalmente em sites americanos, ou seja, na língua inglesa para a língua portuguesa.

Dos seis alunos, dois tinham mais contato com internet e logo foram ao tradutor *on line*, sendo que não interferimos a princípio, deixamos que assim o fizessem, e aos poucos os demais com o auxílio dos colegas também fizeram esta tradução. Em seguida pedi que lessem o que haviam traduzido e descobriram que não havia sentido nem na parte dos ingredientes, nem no modo de fazer. Passamos então à

tradução com o auxílio do dicionário *on line* e do dicionário da biblioteca da escola, aprofundando o vocabulário da língua inglesa, bem como o emprego do imperativo.

2.1.10 Mãos na massa (Making a recipe)

Passeando pelos sites de culinária americana, escolhemos uma receita de Apple Pie, a seguir fizemos a tradução e fomos para a cozinha da escola para prepará-la.

No dia marcado, cada integrante trouxe um ingrediente, colocamos toca, e mãos na massa. Seguimos passo a passo as indicações oferecidas, a quantidade de ingredientes, o modo de preparo e o tempo de cozimento.

Depois foi só degustar! A ansiedade foi grande para saber qual o sabor de uma receita tão famosa, porém o sabor deixou a desejar, talvez pela qualidade das maçãs, no entanto, foi divertido e prazeroso realizar esta atividade.

2.1.11 Montando o CD (Producing the CD)

Traduzidas as receitas e agrupadas nas pastas, tivemos a colaboração de técnicos do CRTE do Núcleo Regional de Educação que passaram aos alunos as noções de Apresentação no Sistema Linux, disponível nos computadores do Programa Paraná Digital do Governo do Estado do Paraná, programa este semelhante ao Microsoft Power Point, para que os participantes montassem apresentações de suas receitas para posterior exposição na TV Multimídia e montagem de um CD com as receitas selecionadas. Aqui tiveram noções de seleção de imagens da internet e menção das fontes de onde foram retiradas.

Para a montagem do CD também foram utilizadas as versões do Microsoft Power Point, uma vez que o programa Linux disponível na escola nem sempre é compatível com os computadores presentes nas residências, uma vez que os mesmos foram distribuídos para os alunos e interessados.

É importante ressaltar, que a aprendizagem ocorreu de ambas

as partes, tanto os participantes como a professora descobriram juntos vários recursos disponíveis no computador.

2.1.12 Repassando conhecimentos (Repassing knowledge)

No 3º Bimestre do ano letivo, os alunos da 6ª série foram divididos em grupos para a realização de uma pesquisa e apresentação da mesma para o grupo. Ao separarmos as equipes, tomamos o cuidado para que cada um dos participantes do Projeto ficasse em uma equipe diferente. Fomos para o laboratório de informática para a realização da pesquisa e os participantes do projeto auxiliaram como monitores de cada grupo, colaborando na pesquisa, citação bibliográfica, montagem de slides, o que facilitou e abrilhantou o trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das situações vividas no decorrer do desenvolvimento desta proposta, percebemos que as dificuldades existem sim, e muitas vezes não podemos realizar atividades não por falta do professor, mas porque lidar com máquinas nem sempre tudo é previsível. Os problemas surgem e, muitas vezes, não sabemos como lidar com eles, se os computadores não funcionam, um técnico seria preciso para atender essas necessidades.

As escolas têm equipamentos, mas ainda engatinhamos na maneira de utilizá-los. Para a dominação dessa tecnologia é preciso dispor de algum tempo, porém isto não pode ser obstáculo para ficarmos à margem dos próprios alunos e isto exige do professor uma preparação e atualização com intuito de fornecer as ferramentas para motivar o aluno e ajudá-lo a produzir seu conhecimento. O contato com essas novidades amplia o horizonte dos educadores e acena com novas possibilidades pedagógicas.

É certo que há dificuldades que vão além das capacidades dos professores, no entanto, trabalhar com as tecnologias é descobrir um

mundo além, é aprender com os alunos dia a dia, é incrementar a aula, tornando-a mais viva, mais alegre, mais dinâmica, mais a cara de nosso aluno.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P. (Org.) **O professor de língua estrangeira em formação**. Campinas, SP: Pontes, 2ª edição, 2005.

_____. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas, SP: Pontes, 1998.

_____. **Linguística Aplicada Ensino de Línguas e Comunicação** Campinas, SP: Pontes Editores e Artelíngua, 2005.

ALTOÉ, A.; GASPARIN, J. L.; NEGRÃO, T. F.; TERUYA, T. K. (Org.) **Didática: processos de trabalho em salas de aula**. Maringá: EDUEM, 2005.

ALTOÉ, A.; GASPARIN, J. L.; NEGRÃO, T. F.; TERUYA, T. K. (Org.) **Educação e Tecnologia**. Maringá: EDUEM, 2005.

ALVES, Lynn Roselina Gama. SILVA, Jamile Borges da (Org.). **Educação e Cibercultura**. Salvador: EDUFBA, 2001.

ALVES, R. L.; SILVA, J. B. (Org.). **Educação e Cibercultura**. Salvador: EDUFBA, 2001.

AQUINO, J. G. (Org.) **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998.

ARAÚJO, C. J. (Org.). **Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

ARAÚJO, J. C.; BIASI-RODRIGUES, B. (Org.). **Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BABIN, P. e KOULOUMDJIAN M. F.. **Os novos modos de compreender a geração do audiovisual e do computador**. Tradução Maria Cecília Oliveira Marques, São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARBOSA, Jaqueline Peixoto. **Coleção trabalhando com os gêneros do discurso: Instruir**. FTD. São Paulo. 2003.

BARRETO, E. S. A Escola e as tecnologias inteligentes. In. ALVES, L. R. G. e SILVA, J. B. da. (ORG.) **Educação e Cibercultura**. Salvador: EDUFBA, 2001.

BAZERMAN, C. & RUSSEL, D. Writing Selves/Writing Societies: Research from Activity Perspectives Perspectives on Writing. Fort Collins, Colorado: The WAC Clearinghouse and Mind, Culture, and Activity, 2002. ISBN 0-9727023-1-8. Library of Congress Control Number: 2003100499. > Disponível em: <http://wac.colostate.edu/books/selves_societies/>. Acesso em: 18 de julho de 2007.

CAIADO, R. V. R. A Ortografia no Gênero Weblog: Entre a Escrita Digital e a Escrita Escolar. In ARAÚJO, J. C. (ORG.) **Internet & Ensino: novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

COSTA, L. A. **A mediação do professor na interação do aprendiz com o material didático em contextos pedagógicos distintos: o presencial e o virtual**. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada): Campinas, SP: IEL-UNICAMP, 2001.

CRISTOVÃO, V. L. L.; DURÃO, A. B. A. B.; NASCIMENTO, E. L. Ensino de Gêneros Textuais: O planejamento curricular diante dessa perspectiva emergente. In Encontro de Professores de Língua Estrangeiras, 2002. Anais do X EPLE, Campo Mourão, Faculdade Estadual de Campo Mourão, 2002, p. 80-86.

DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

ENGUITA, M. O magistério em uma sociedade em mudança. In VEIGA, I.P.A. (Org.). **Caminhos da profissionalização do magistério**. Campinas: Papirus, 1998.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias. **Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor? : um estudo crítico-comparativo da teoria do professor reflexivo, do construtivismo e da psicologia vigotskiana**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

FRAGA, D. A internet como contexto de produção textual: possíveis implicações para o ISD. **Calidoscópio**. São Leopoldo. Revista de Lingüística Aplicada. São Leopoldo:Unisinos, vol. 02, n.2, p. 55-59, jul/dez 2004.

FREIRE, M. M. **O professor de inglês e o computador**. APLIESP, fev. 1999.

FRÓES, J. R. M. **Educação e Informática: A relação Homem/Máquina e a questão da cognição**. Brasília, março de 1999. Disponível em <http://.proinfo.gov.br/didatica/testosie/prf_txtie4.shtm>. Acesso em: 16/05/07.

GERALDINI, A. F. S.; FONTES, M. C. M. Ações docentes em meio digital: uma proposta de análise sócio-interacionista. **Calidoscópico**. São Leopoldo. Revista de Língua Aplicada. São Leopoldo:Unisinos, vol. 02, n.2, p. 97- 103, jul/dez 2004.

GIMENEZ, T. Desafios Contemporâneos na formação de professores da línguas: contribuições da lingüística aplicada. In: FREIRE, M. M.; ABRAHÃO M. H. V. e

GIMENEZ, T.; CRISTOVÃO, V. L. L. **Teaching English in context: contextualizando o ensino de inglês**. Londrina: UEL, 2006.

LEFFA, V. J. (Org.). **A interação na aprendizagem das línguas**. Pelotas: Educat, 2006.

_____. **O professor de línguas: construindo a profissão**. Pelotas: EDUCAT, 2006.

_____. Nem tudo o que balança cai: objetos de aprendizagem no ensino de línguas. **Polifonia**. Cuiabá:EdUFMT, v. 12, n. 2, p. 15- 45, 2006.

_____. O ensino do inglês no futuro: da dicotomia para a convergência. In STEVENS. & CUNHA, J. J. C. (Orgs.). **Caminhos e colheita ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil**. Brasília: Editora da UNB, 2003.

LÉVY, Pierre. As Tecnologias da Inteligência o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 31,1994.

MACHADO, A. R.; CRISTOVÃO, V. L. L.; **A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros**. In: Revista Linguagem em (Dis)curso, vol. 6, n. 3, set./dez. 2006.

MACHADO, L. T.; CRISTOVÃO, V. L. L.; FURTOSO, V. B. **Aspectos da Linguagem: considerações teórico- práticas**. Londrina: UEL, 2006.

MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In DIONÍSIO, A. P; MACHADO, A. R. & BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, PP. 19- 36

MENDONÇA, A. C. **Primeiras Providências**. In. Educação, ano 28, n. 252, p. 72, 2004.

MEURER, J. L. & MOTTA-ROTH, D. Introdução. In MEURER, J. L. &

MOTTA-ROTH, D. (ORGS.) **Gêneros textuais e práticas discursivas: Subsídios para o ensino da linguagem**. Bauru, SP: EDUSC, 2002, pp. 09- 14.

MEURER, J. L.; BONINI, A. & MOTTA-ROTH, D. (ORGS.) **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MOTTA-ROTH, D. De receptor de informação a construtor de conhecimento: o uso do chat no ensino de inglês para formando de Letras. In: PAIVA, V. L.M.O. (Org.) **Interação e aprendizagem em ambiente virtual**. Belo Horizonte: Poslin/FALE/UFMG, 2001, pp. 230- 47.

NOBLIA, M. V. **The computer- mediated communication, a new way of understanding the language**. IRISS'98 Conference: 25- 27 March 1998, Bristol, UK. [<http://www.sosig.ac.uk/iriss/papers/paper22.htm>] acesso em 18 de julho de 2007.

PAIVA, V. L. M. O. (Org.). **Ensino de língua inglesa: reflexões e experiências**. Campinas, SP: Pontes Editores, 3ª edição, 2005.

_____. Aprendendo inglês no ciberespaço. In PAIVA, V. L. M. O. (ORG.) **Interação e aprendizagem em ambiente virtual**. Belo Horizonte: POSLIN-FALE-UFMG, 2001a, pp. 270- 305.

_____. The role of e-mail in the acquisition of English. **Ilha do Desterro**, n. 41, 2001b, p. 245- 263.

PRETTO, N. L. (Org.). **Tecnologia & novas educações**. Salvador: EDUFBA, 2005.

_____. **Uma escola sem/com futuro**. Campinas- SP: Papyrus, 1996.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. In: **Educação & sociedade**. Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143- 160, dez. 2002. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

SOARES, Magda. **Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143- 160, dez. 2002.

THOM, W. R. **A escrita por e-mail: influências do interlocutor e do gênero discursivo**. 2007. Tese (Mestrado em Letras) Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2007.

VALENTE, José Armando. **Diferentes usos do computador na educação em Aberto**, Brasília, ano 12, nº 57, jan/mar 1993, p3- 16.

VEIGA, I.P.A. (Org.). **Perspectivas para a formação do professor hoje**. In

ENDIPE, 11, 2002, Goiânia. Anais... Goiânia: (s.ed.), 2002. 1 CD-ROM.

VIGOTSKI, L. S. Mind in Society The Developmente of Higher Psychological Processes. CIPOLLA NETO, J; BARRETO, L. S. M; AFECHE, S. C. (tradução). **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKY, L. S. Michliênie Rietch. BEZERRA. P. (Trad.). **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Pensamento e Linguagem**. Trad. Jeferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WIDDOWSON, H. G. Teaching Language as Communication. ALMEIDA FILHO, J. C.P. (tradução) **O ensino de línguas para a comunicação**. Campinas, SP:Pontes, 2ª edição, 2005.

KRUGMAN, Paul. **A Máquina e o Homem**. Revista Veja Edição Especial. Editora Abril, Dezembro/1995, p.10

Periódicos

Computador o micro chega às casas. In Revista Veja, Abril, dez/1995, edição especial.

BRITO, Gláucia da Silva. **A linguagem utilizada na internet**. Entrevista concedida a @educacional. Rio de Janeiro em agosto de 2006. Disponível em: http://www.educacional.com.br/entrevistas/interativa_adultos/entrevista008.asp?strTitulo=A1... Acesso em: 28 mai 2007.

COUTINHO, Laura. **Ensinando na Era da Informação**. Disponível em: http://edutec.net/textos/alia/PROINFO/prf_txtie03.htm. Acesso em 10 mai. 2007.

CYSNEIROS. Paulo Gileno. **Professores e Máquinas: Uma concepção de Informática na Educação**. Disponível em: http://edutec.net/textos/alia/PROINFO/prf_txtie08.htm. Acesso em 05 mai. 2007.

WILLIAMS, Vicente. **Mudando Paradigmas: conhecendo a informática na educação**. Disponível em: http://edutec.net/textos/alia/PROINFO/prf_txtie15.htm. Acesso em 11 mai. 2007.

VALENTE, José Armando. **Diferentes usos do Computador na Educação.** Disponível em: http://edutec.net/textos/alia/PROINFO/prf_txtie02.htm. Acesso em 20 mai. 2007.

VEIGA, Marisa Schmid. **Computador e Educação? Uma ótima combinação.** Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/inedu01.htm>. Acesso em: 01 mai. 2007.

VALENTE, José Armando. **Por que o computador na educação?** Disponível em: <http://www.nied.unicamp.br/publicacoes/separatas/sep2.pdf>. Acesso em 06 mai. 2007.

VALENTE, José Armando e ALMEIDA, Fernando José de. **Visão Analítica da Informática na Educação no Brasil:A Questão da Formação do Professor.** Disponível em: http://edutec.net/textos/alia/PROINFO/prf_txtie13.htm, acessado em 11/05/2007.